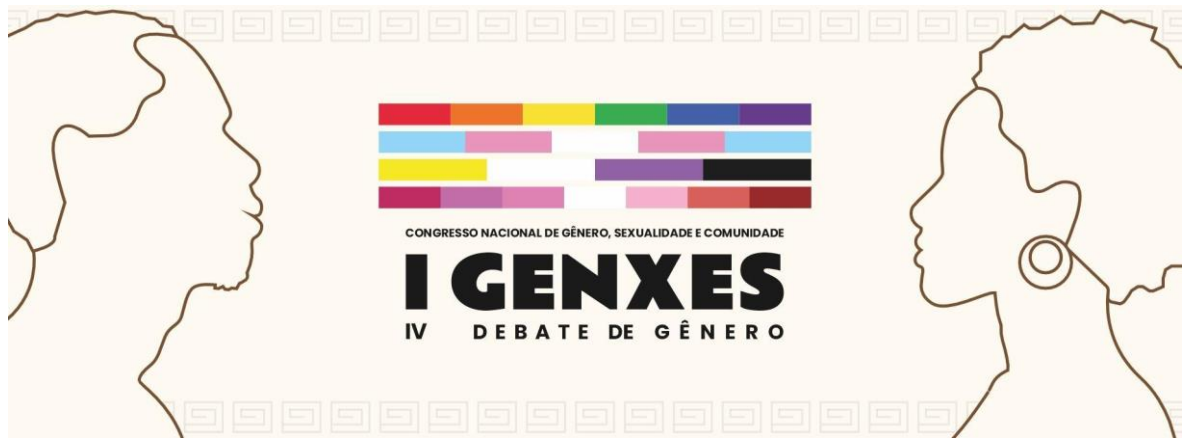




FIBROMIALGIA E GÊNERO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DAS MULHERES CISGÊNEROS NA EXPERIÊNCIA DA DOR CRÔNICA.

Eixo Comunitário: Gênero, Sexualidade e Saúde Coletiva

Cícera Kelly da Silva¹
Maria Yasmin Ferreira Lopes²
Déborah Santana Pereira³

RESUMO: Esta pesquisa aborda a experiência de mulheres cisgêneras em situação de dores crônicas, provocadas pela fibromialgia associadas aos papéis de gênero (Scott, 1990; Butler, 2013) e de feminilidade. A fibromialgia se caracteriza como uma doença autoimune, predominantemente feminina, que se caracteriza por um quadro clínico de dor crônica e difusa, sendo musculoesquelética e não inflamatória, e que geralmente é acompanhada de alterações na memória, no sono, na atenção, além de causar fadiga, cansaço, ansiedade e cefaleia (Claus, 2014; Trevisan, Atavila, Machado, Aota, Soares, 2022). Tem como objetivo analisar como as mesmas percebem e vivenciam a doença, considerando as expectativas sociais e culturais relacionadas ao papel da mulher. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo, junto ao método bola de neve (Bernard, 2005). O estudo contou com a colaboração de seis participantes, sendo essas caracterizadas por serem: mulheres cisgêneras, com idade entre 25 e 60 anos, que possuem fibromialgia. A partir dos resultados obtidos, compreende-se que as participantes apresentam influência das questões de gênero impostas pela sociedade sobre seus tratamentos de saúde, refletindo diretamente na forma de lidar com as dores crônicas.

Palavras-chave: Fibromialgia; Gênero; Mulheres Cisgêneras.

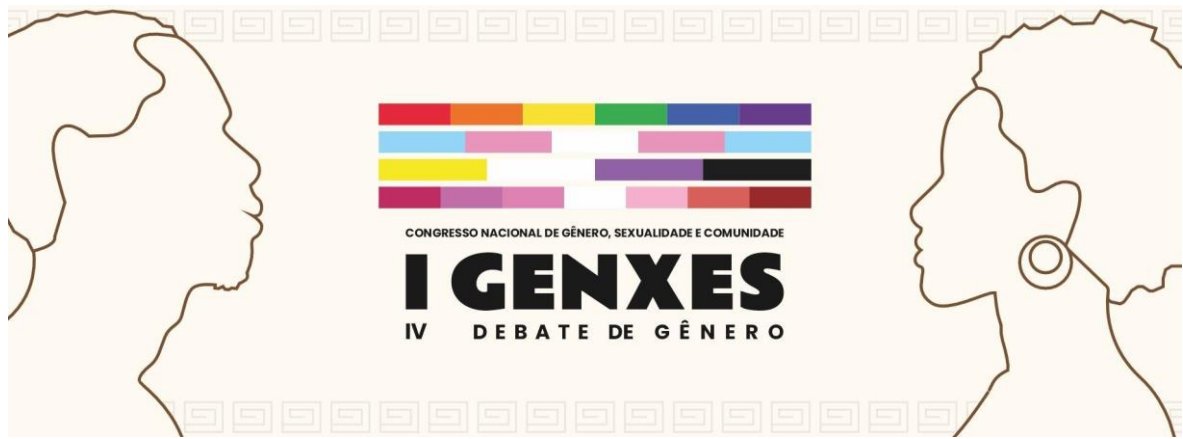
INTRODUÇÃO

O interesse por essa pesquisa surge a partir das experiências pessoais de uma das autoras dessa pesquisa, ao conviver com as dores crônicas, causadas pela doença autoimune denominada de fibromialgia, e como sua vida é afetada pela mesma. A fibromialgia (FM) é

¹ Discente do curso de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE)- *campus* Juazeiro. E-mail: silva.kelly02@aluno.ifce.edu.br

² Discente do curso de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE)- *campus* Juazeiro. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC- FUNCAP). Monitora do Projeto de Extensão: Academia de Natação. Membro do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Corporeidade e Sociedade (GEPEECOS). Membro do Coletivo Interdisciplinar de Pesquisa em Gêneros, Diversidades Sexuais e Corpos (MONAS). E-mail: yasmin.lopes08@aluno.ifce.edu.br

³ Docente do curso do curso de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE)- *campus* Juazeiro. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. E-mail: deborah@ifce.edu.br



caracterizada como uma doença autoimune, predominantemente feminina, que se caracteriza por um quadro clínico de dor crônica e difusa, sendo musculoesquelética e não inflamatória, e que geralmente é acompanhada de alterações na memória, no sono, na atenção, além de causar fadiga, cansaço, ansiedade e cefaleia (Claus, 2014; Trevisan, Atavila, Machado, Aota, Soares, 2022).

Diante disso, nos indagamos sobre como o papel sociais das mulheres, que sofrem com as limitações físicas, emocionais e psicológicas, provocadas por essa doença, são afetadas na sociedade e como se dá a relação dessas com as questões femininas impostas pela sociedade patriarcal, em seu meio de trabalho, de família e social, a partir de suas dores crônicas.

Por isso, temos como perguntas norteadoras: Como as mulheres cisgêneras, diagnosticadas com fibromialgia, associam a doenças às questões de gênero e de feminilidade? De algum modo, o fato de ser mulher, com a vivência diária de dores crônicas, já limitou algum aspecto da sua vida pessoal e profissional? De que forma o estigma, historicamente associado às mulheres, é manifestado e vivenciado nas mulheres cisgêneras com fibromialgia?

Pressupomos que devido às próprias condições impostas pela fibromialgia e como essa condição é entendida na sociedade, as mulheres cisgêneras sofrem com situações cotidianas de exclusão, preconceito e descredibilidade em várias áreas da sua vida, considerando as questões vinculadas ao patriarcado, machismo e ao sexismo imposto sobre as mulheres.

A partir disso, essa pesquisa tem como objetivo analisar como as mulheres cisgêneras, que possuem fibromialgia, percebem e vivenciam a doença, considerando as expectativas sociais e culturais relacionadas ao papel da mulher.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo. O trabalho dividiu-se em duas partes. No primeiro momento, onde foi realizada a divulgação de um pôster, nas nossas redes sociais, com informações sobre a temática em questão e convidando as interessadas, que se encaixassem no perfil a ser estudado, que as direcionavam para responderem um formulário, na plataforma “Google Forms”, para que conhecessem a pesquisa e deixassem um telefone, ou/e e-mail, para que as contatássemos.



Através do compartilhamento e indicações de pessoas, gerou-se o efeito “bola de neve” (Bernard, 2005). Esta técnica é um método de amostragem de rede mais indicada para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (Hard-to-find or hard-to-study populations) ou que não há precisão sobre sua quantidade.

Já no segundo momento, de posse de contato das candidatas, contatamos aquelas que se encaixavam nos nossos critérios de inclusão, sendo estes: mulheres cisgêneras, com idade entre 25 e 60 anos, que possuem fibromialgia. Enquanto critério de exclusão, encaixam-se aquelas que não deixaram telefone ou/e e-mail de contato, ou ainda, que não informaram a comprovação médica de fibromialgia. Foram convidadas a participar de uma entrevista semiestruturada (Triviños, 1987), com roteiro previamente elaborado, de forma presencial, em um local escolhido por elas, ou on-line, na Plataforma Google Meet.

Compreendemos que esse formato possui características adequadas para a pesquisa realizada por ser, como aponta Triviños (1987), um tipo de entrevista que favorece tanto a descrição dos fenômenos sociais estudados, como também os explica e os compreende em sua totalidade.

Com isso, a pesquisa contou com a participação de seis participantes. As entrevistas foram gravadas por meio de um aplicativo de smartphone. Todas elas assinaram o Termo de Consentimento e Esclarecimento Livre (CNS Nº 466/2012), considerando os aspectos de ordem ética em pesquisas realizadas com seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

À princípio, quando as participantes foram questionadas se as dores provocadas pela fibromialgia eram, por vezes, desvalorizadas ou minimizadas pelas pessoas, enquanto mulheres. Todas afirmaram que sim, como aponta uma delas: “Já, já teve um momento que sim. Principalmente por essa questão de quando estou na personalidade dona de casa, né?[...]”. De acordo com Queiroz e Diniz (2023), ainda na sociedade contemporânea, o trabalho doméstico



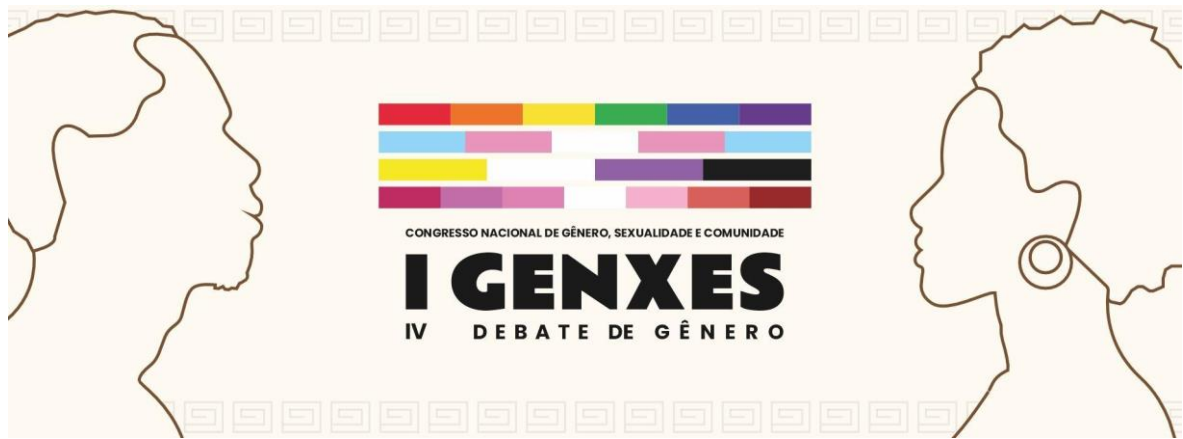
ainda se associa ao cuidado feminino, pois o discurso patriarcal, sendo este histórico e cultural, ainda atribui a natureza feminina à manutenção dos trabalhos domésticos.

E ainda, ao terem que lidar com inúmeras atividades que a sociedade impõe na performatização do gênero feminino (Scott, 1990; Butler, 2013), uma delas diz que: “[...] Eu entendi que eu não tenho que provar nada para ninguém, eu sei da minha condição, eu sei do meu problema de saúde, se der, eu faço, se não der, eu não faço[...]”. De acordo com Diniz: “[...]a atribuição de papéis através de construções sociais específicas e funcionais ao modo de vivência capitalista, são aspectos determinantes do sistema patriarcal de gênero” (Diniz, p.134, 2017). Portanto, pode-se concluir que o papel multifuncional, como também a sobrecarga gerada a partir deste, pelas mulheres, é fruto das relações desiguais de sexo e de gênero e dos discursos acerca destes que reforma o lugar dos sujeitos nas relações sociais.

Quando indagadas sobre o impacto das expectativas sociais criadas sobre as mulheres e o quanto isso as impacta por conta da fibromialgia, uma delas diz que: “As pessoas esperam que a gente trabalhe fora de casa, chegue. E aí seja a dona de casa exemplar que todo mundo espera[...]que você seja aquela mulher maravilha.” Na atualidade, apesar do mercado de trabalho abrir cada vez mais espaço para as mulheres, o que as proporciona uma emancipação socioeconômica, elas ainda estão ligadas ao trabalho doméstico devido ao seu papel de mãe (Rosaldo, 1979).

Sabe-se, que a fibromialgia, afeta o biopsicossocial das pessoas que possuem essa doença. O tratamento pode levar os indivíduos a engordarem, dependendo da medicação, que também reverbera nas questões de autoimagem corporal. Com isso, uma das participantes diz: “[...]Eu engordei mais de 30 quilos e isso foi e mexeu com o meu emocional, porque mexeu com a minha autoestima[...]”. E com isso, segundo a perspectiva de gênero, o corpo da mulher obesa pode representar um não seguimento das normas e valores sociais que prezam pela idealização de uma beleza feminina, que deverá sempre estar associada à magreza (Wolf, 1990; Goldenberg, 2011;).

Outro questionamento foi sobre se elas acreditam que a fibromialgia é reconhecida de maneira justa, tanto fisicamente quanto psicologicamente, nas mulheres. “Eu não vejo isso



ainda. Isso eu estava comentando com um amigo meu. Ele tem fibromialgia. A forma como o médico fala e tudo, eu acho totalmente diferente. Eu acho o tratamento dele melhor.[...]”, afirma uma das entrevistadas. Percebe-se que a dor crônica é socialmente mais aceita e acolhida nos homens do que nas mulheres, considerando que esta já enfrenta todos os meses o ciclo menstrual, como também sentem a dor do parto. Logo, até nisso, os papéis de gênero, tornam-se demarcadores sociais.

Com isso, compreende-se que as mulheres com fibromialgia possuem um enfrentamento no tratamento da doença, devido ao agravamento do quadro clínico, provocado pelo surgimento ou/e pelo afloramento de outros sintomas, atrelado aos papéis de gênero socialmente construídos.

CONCLUSÃO

O estudo aponta para como as mulheres cisgêneras, que possuem fibromialgia e convivem com uma dor crônica, percebem e vivenciam a doença, considerando o papel social imposto e esperada do gênero feminino na sociedade. A partir dele, pode-se concluir que essas indivíduos são afetadas diariamente pelas questões socioculturais impostas a elas, o que implica diretamente no modo como elas interagem consigo mesmas, com os outros e com a própria doença. Sugerimos, para futuros trabalhos, a ampliação da amostra, e também, análises associadas a questões étnico-raciais, socioeconômicas e conjugais deste público alvo.

REFERÊNCIAS

- BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CLAUW, D. J. Fibromyalgia: a clinical review. **Journal of the American Medical Association**, 311(15), p. 1547-1555, 2014. Disponível: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.bcwomens.ca/Specialized-ServicesSite/Documents/Complex%20Chronic%20Diseases%20%28CCDP%29/Fibromyalgia%20Review%20JAMA%202014%20%28journal%20article%29.pdf](http://www.bcwomens.ca/Specialized-ServicesSite/Documents/Complex%20Chronic%20Diseases%20%28CCDP%29/Fibromyalgia%20Review%20JAMA%202014%20%28journal%20article%29.pdf). Acesso em: 05 de mar. 2025.



DINIZ, Maria Ilidiana. **Mulheres como eu, mulheres como as outras**: o assédio moral e sexual contra as mulheres na esfera do trabalho. São Paulo: Lumen Juris, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. “What the Brazilian woman wants?”. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011.

QUEIROZ, Fernanda; DINIZ, Maria Ilidiana. A desigual repartição do trabalho doméstico entre homens e mulheres. **Sociedade em Debate** (Pelotas), v.29, n.1, p.73-89, jan./abr.2023. Disponível: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/download/3337/1946/10982>. Acesso em: 05 de mar. 2025.

ROSALDO, Michelle Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Loise. (orgs) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul.-dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 26 de fev. 2025.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

WOLF, Naomi. “O mito da beleza”. In: WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, p. 25-39, 1990.